



Figura: Igreja de São Francisco de Assis  
São João del Rei,  
Minas Gerais  
Risco original aprovado a  
8 de julho de 1774  
Autor: Aleijadinho  
Foto: Vosylius  
Fonte: Revista Gávea –  
Revista de Arte e  
Arquitetura

**R**isco é uma revista de pesquisa que pretende contribuir com o esforço de consolidação, no Brasil, de um campo acadêmico de discussões em teoria, história e crítica da arquitetura e do urbanismo. Sua especialização, contudo, contempla e reconhece a validade do trabalho interdisciplinar – com a história, a engenharia, as ciências sociais, as artes, a filosofia e a literatura – na renovação do olhar e das práticas da pesquisa.

Por que *Risco*? Trata-se de enfatizar uma dimensão essencial da atividade de projetar de arquitetos e urbanistas. Vilanova Artigas assinalava que a partir do Renascimento o desenho incorpora duas dimensões: é desígnio – intenção e propósito – e é risco – “traçado, mediação para expressão de um plano a realizar, linguagem de uma técnica construtiva”. “Arquiteto não rabisca, arquiteto risca”, afirmava Lucio Costa ao sublinhar a intenção que, argumentava, devia estar presente em todo o processo de elaboração do projeto, selecionando, coordenando e orientando em determinado sentido todo o conjunto de variáveis técnicas, construtivas, funcionais e formais envolvidas na atividade. Conforme esse autor, “da mesma forma que a expressão inglesa *design*, a palavra risco, em sua acepção antiga, está sempre associada à idéia de concepção ou feitio de alguma coisa e como tal não significa apenas desenho, *drawing*, senão desenho visando à feitura de determinado objeto ou a execução de determinada obra, ou seja, o respectivo projeto”. Entendida ora como intenção, ora como linguagem, a palavra risco reúne componentes essenciais da atividade projetual do arquiteto e do urbanista. Foi uma expressão utilizada para designar no Brasil, durante o período colonial e ao longo do século XIX, o projeto de arquitetura.

Mas *Risco* também assume o significado de aceitar o desafio de se arriscar, sujeitando-se à sorte em uma empreitada cuja concretização, nos termos em que está sendo proposta, e cuja continuidade envolvem considerável empenho e persistência. Assim é que esta edição inaugural de *Risco* é fruto de esforço conjunto de docentes do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, com o propósito de estreitar as comunicações e diálogos entre pesquisadores – internos e externos ao departamento – por intermédio da criação de um espaço editorial que contribua para ampliar e aprofundar o conhecimento, a reflexão e o debate em teoria, história e crítica da arquitetura e do urbanismo.

Este número de *Risco* traz na seção Artigos e Ensaios trabalhos com temas e abordagens diversas, assinalando o caráter plural e interdisciplinar da revista. “Entre arte e técnica – Thomas Hardy e a profissão de arquiteto no século XIX”, de autoria de Cristina Meneguello, trata da prática da arquitetura na Inglaterra do século XIX, abordando temas como o exercício da profissão, a imagem do arquiteto e a preservação e restauro de edifícios. Em “Ferrovias, nômades e exilados”, Carlos Roberto Monteiro de Andrade discute a exclusão e inclusão urbana a partir da contradição entre territorialidades nômades e urbanas. No artigo “O Studio de Arte Palma e a fábrica de móveis Pau Brasil: povo, clima, materiais nacionais e o desenho de mobiliário moderno no Brasil”, Aline Coelho Sanches investiga a atuação dos arquitetos italianos Lina Bo Bardi e Giancarlo Piretti no design de mobiliário no Brasil. Em “Arquitetura e solidão – John Hejduk em Berlim”, Lais Bronstein Passaro analisa projetos desse arquiteto, vinculando-os à crítica ao Movimento Moderno.

A seção Referência – destinada à publicação comentada de textos ou imagens considerados significativos pelo ineditismo ou importância para a história, teoria e crítica da arquitetura e do urbanismo – inclui o “Parecer sobre o ‘Core’ da Cidade Universitária”, elaborado em 1962 por Mário Pedrosa, com apresentação de Aracy Amaral e comentários de Hugo Segawa e Guilherme Mazza Dourado. Inclui também o texto “Arquitetura Internacional”, escrito em 1925 por Walter Gropius e traduzido por Anja Pratschke, com apresentação de José Tavares Correia de Lira.

A seção Transcrição – constituída a partir de material oral resultante de palestras, conferências, aulas inaugurais, depoimentos ou entrevistas de relevância histórica, teórica ou crítica – traz uma entrevista com o arquiteto italiano Vittorio Magnago Lampugnani, realizada em novembro de 2001, por Joubert Lancha.

Em Ponto Crítico – seção de resenhas de livros e leituras críticas de teses e dissertações recentemente defendidas na área – são discutidos dois trabalhos: o livro *Uma cidade e dois prefeitos: narrativas do Recife das décadas de 1930 e 1950*, de autoria de Virgínia Pontual, e a tese de doutorado intitulada *Rodrigo Brotero Lefèvre e a idéia de vanguarda*, de Miguel Antonio Buzzar.

Em Pesquisa em Pauta – espaço de informação e discussão dos rumos da pesquisa contemporânea nas áreas de conhecimento contempladas pela revista – esta edição traz informe sobre a abertura do curso de doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP.